

Uma dose de cicuta, por favor

ADRIANO DE SOUZA
Da Editoria de Cidade

O exército caboclo do holismo declarou guerra aos "reacionários" que ousaram torpedear, com o que ainda lhes resta de indignação publicável, a excrescência batizada de Cidade da Paz pelos gurus encastelados no "dolce far niente" da máquina burocrática. Eles vislumbram doses cavalares de burrice (trocadilho é holístico?) na sugestão de que o GDF invista tempo, dinheiro, funcionários e equipamentos para resolver problemas sociais que desfilam cotidianamente por entre espelhos d'água, generalidades arquitetônicas e jardins desta Ilha cada vez mais da Fantasia; e não para oficializar miragens místicas que servem, antes de mais nada, à (boa?) imagem que o Governo pretende construir com a ajuda de projetos que têm tudo de propaganda e nada de utilitário.

Cartesianos, os gurus descobrem sua reação com verniz supostamente científico, invocando a presumida eficiência e importância de projeto similar concretizado na França e a antiguidade de pesquisas desenvolvidas na União Soviética. Contra toda lógica holística, esquecem, contudo, de que o estágio de desenvolvimento desses países permite que o dinheiro to-

mado do contribuinte (via sistema tributário) ou de empresas privadas (através de fundações de inspiração governamental) seja investido em excrescências utópicas.

Franceses e russos podem-se dar ao luxo de brincar de ciência com pruridos holísticos ou com jogos do tipo "guerra nas estrelas" — do porque o seu cotidiano não está infestado de sinais de miséria absoluta, de doentes sem acesso à medicina de qualidade, de escolas literalmente arruinadas, de analfabetos e de outras formas de reacionarismo que a própria realidade se encarrega de listar aos interessados... Se pedir prioridade para o enfrentamento de tais mazelas é levantar a bandeira do reacionarismo, caríssimos ideólogos, matem o cantor e chamem o garçom "Uma dose de cicuta, por favor"...

E curioso que adeptos do holismo assumam posição francamente anacrônica à ideia de universalismo e tolerância que dizem presidir seu movimento — a de sectários, que enxergam no questionamento da propriedade de execução imediata do projeto uma barreira à sua consecução em época apropriada. Não se trata, portanto, de derrubar princípios e ideias louváveis, mas de evitar que

outras carências sejam sepultadas pelo apetite publicitário de governos e de governantes.

Porque Alvorada tem sido aceita pelo Governo muito mais como um novo emblema com que vender Brasília para turistas do que propriamente como a experiência revolucionária em que os holistas acreditam e investem. Se assim não for, que tal aplicar nas escolas da Fundação Educacional os métodos pedagógicos inovadores que usina holística já produziu, conforme evidenciado no Congresso Holístico Internacional realizado este ano no Centro de Convenções?

Comecem pleonasticamente — do começo. E sobretudo atentem para o perigo de o projeto de transformação individual e social empacotado no espírito do holismo não se transformar em alimento para o dragão do oficialismo. Ou em mais uma falácia do conjunto destinado a transformar Brasília em emblema-mor do messianismo, com esse papo de capital do terceiro milênio e outros "sebastianismos" estúpidos que servem somente para maquiar a nódoa da qual os distintos sócios no poder tentam, de todas as maneiras, proteger suas gravatas, seus lenços perfumados, sua retórica.